

A IMPORTÂNCIA DO USO ADEQUADO DE MÉTODOS PARA O EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR

Angelita Lima Dantas¹

Resumo: O ensino superior demanda o desenvolvimento de métodos que despertem nos discentes o interesse na aprendizagem. A questão centra-se no fato do ensino superior estar voltado para a aprendizagem de adultos, o que pressupõe um conhecimento prévio, motivo pelo qual a pedagogia e, sua metodologia não é a mais adequada ao ensino aprendizagem em instituições de ensino superior. Nesse sentido, a andragogia é o método mais acertado quando se trata de aprendizagem de adultos e, as metodologias ativas favorecem essa compreensão no universo acadêmico. A participação no processo de ensino aprendizagem de metodologias ativas leva a compreensão do conteúdo com a participação dos alunos, pondo o professor no papel de condutor do conteúdo produzido em sala de aula.

Palavras-Chave: Método. Andragogia. Metodologias ativas. Aprendizagem.

Abstract: Higher education demands the development of methods that arouse students' interest in learning. The question focuses on the fact that higher education is aimed at adult learning, which presupposes prior knowledge, which is why pedagogy and its methodologies is not the most appropriate for teaching learning in higher education institutions. In this sense, andragogy is the most accurate method when it comes to adult learning, and the active methodologies favor this understanding in the academic universe. Participation in the teaching process learning of active methodologies leads to the understanding of content with the participation of students, putting the teacher in the role of the driver of the content produced in the classroom.

Keywords: Method. Andragogy. Active methodologies. Learning.

Introdução

O ensino superior trabalha com o universo de adultos com significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes distintos, o que faz da atividade docente no ensino superior um constante desafio, ante a necessidade de análise multifocal e trabalho interdisciplinar.

A atividade pedagógica da aprendizagem, em instituições de ensino superior é consubstanciada a partir das reflexões doutrinárias da andragogia e das práticas com metodologias assertivas praticadas na atualidade.

¹ Mestre em

Nos meandros do terceiro grau, os pressupostos andragógicos da aprendizagem do adulto devem ser diferenciados e visam buscar uma solução para o problema das deficiências curriculares do passado de cada aluno, como por exemplo, as ligadas ao problema do letramento e do analfabetismo funcional.

Esse exercício constante pode ser capaz de criar propostas de ensino superior de adultos com no compartilhamento contínuo de novas práticas de metodologia do ensino superior para um público-alvo de faixa etária adulta, como é o caso das metodologias pós-modernas de ensino: A metodologia de ensino da sala de aula invertida; A metodologia de aprendizagem por meio do exercício teatral e representação; A prática leitora e o gênero como ferramenta de ensino e a incorporação de novas tecnologias para o processo ensino aprendizagem, tratadas no último tópico do trabalho.

O ensino, como um processo intermediado pelo professor evoluiu ao longo dos anos e na atualidade, passa a empregar em seus processos ensino-aprendizagem, as metodologias ativas, que ocorrem quando o professor possibilita através desse aprendizado, saberes mais eficazes do que o promovido no sistema tradicional de ensino.

Reflexões acerca da Aprendizagem Andragógica

Estamos numa era de grandes e rápidos avanços tecnológicos que influenciam diretamente a maneira de ensinar e aprender, e é claro que nós não podemos perder o *time* e ficarmos de braços cruzados, porque se for assim o cenário não mudará e o tradicionalismo se tornará perpétuo.

Os professores precisam se reinventar e trocar informações de como colocar em prática modelos inovadores para que o acadêmico tenha uma personalidade individualmente ativa e autônoma dentro de sala de aula.

O modelo tradicional precisa ser deixado na história e rompermos com o conservadorismo? A resposta não poderia ser totalmente positiva ou negativa. Estudos mostram que é possível fundir os dois caminhos, o que for de fato bom e proveitoso pode ser mantido, mas o que é maçante e ineficaz deve ser deixado de lado de uma vez por todas, conforme revelaremos aqui modelos e estudos.

Segundo Souza e Morales, progressivamente, podem ser realizados ajustes decorrentes das atividades dos alunos e do aperfeiçoamento de novas práticas advindas dos alunos ativos e das atividades menos burocráticas dos professores, que, na verdade, se tornam orientadores.

No modelo disciplinar, precisamos “dar menos aulas” e colocar o conteúdo fundamental na WEB, elaborar alguns roteiros de aula em que os alunos leiam antes os materiais básicos e realizem atividades mais ricas em sala de aula com a supervisão dos professores. Misturando vídeos e materiais nos ambientes virtuais com atividades de aprofundamento nos espaços físicos (salas) ampliamos o conceito de sala de aula: Invertemos a lógica tradicional de que o professor ensina antes na aula e o aluno tente aplicar depois em casa o que aprendeu em aula, para que, primeiro, o aluno caminhe sozinho (vídeos, leituras, atividades) e depois em sala de aula desenvolva os conhecimentos que ainda precisa no contato com colegas e com a orientação do professor ou professores mais experientes. [...] Um dos modelos mais interessantes de ensinar hoje é o de concentrar no ambiente virtual o que é informação básica e deixar para a sala de aula as atividades mais criativas e supervisionadas. É o que se chama de aula invertida. A combinação de aprendizagem por desafios, problemas reais, jogos, com a aula invertida é muito importante para que os alunos aprendam fazendo, aprendam juntos e aprendam também, no seu próprio ritmo. Os jogos e as aulas roteirizadas com a linguagem de jogos cada vez estão mais presentes no cotidiano escolar. Para gerações acostumadas a jogar, a de desafios, recompensas, de competição e cooperação é atraente e fácil de perceber (SOUZA e MORALES, 2015).

No que pese a importância das inovações é imprescindível ressaltar as peculiaridades individuais dos acadêmicos no que concerne a aprendizagem durante o processo andragógico seja em grupo ou individualmente. Esse equilíbrio pode acontecer de vários tipos de *blended*, quanto à interdisciplinaridade, saberes valores, e outras áreas de conhecimento (SOUZA e MORALES, 2015).

O sistema híbrido também é composto por um conjunto de processos formais e informais, onde é possível criar “experiências de aprendizagem planejadas” que incorporem a “construção coletiva de conhecimentos e as tecnologias digitais são considerados recursos para essas ações colaborativas, são meios, e não fins” (INSTITUTO SINGULARIDADES, 2018).

Blended também é a articulação de processos mais formais de ensino e aprendizagem com os informais, de educação aberta e em rede. O ensino híbrido é um programa de educação formal no qual um aluno aprende, pelo menos em parte, por meio do ensino online, com algum elemento de controle do estudante sobre o tempo, lugar, modo e/ou ritmo do estudo, e pelo menos em parte em uma localidade física supervisionada, fora de sua residência (CHRISTENSEN, HORN & STAKER, 2013, p.7). [...] As boas escolas sempre se preocuparam em dialogar com o seu entorno, em fazer visitas, atividades, projetos e também.

O que as tecnologias em rede nos permitem é não só trazer o bairro e a cidade, mas também o mundo inteiro, em tempo real, com suas múltiplas ideias, pessoas e acontecimentos numa troca intensa, rica e ininterrupta.

As tecnologias ampliam as possibilidades de pesquisa online, de trazer materiais importantes e atualizados para o grupo, de comunicar-nos com outros professores, alunos e pessoas interessantes, de ser coautores, “remixadores” de conteúdos e de difundir nossos projetos e atividades, individuais, grupais e institucionais muito além das fronteiras físicas do prédio.

O maior desafio do docente no Ensino Superior é fazer com que o acadêmico tenha uma participação efetiva nas discussões de sala de aula [...] Requer posturas e comprometimentos com um processo que eduque para a autonomia do acadêmico, mediado pelo professor. Somente uma educação que tenha como princípio a liberdade, poderá auxiliar na construção de uma sociedade mais humanizada (*apud* BORGES e ALENCAR, 2014, p. 128).

As metodologias ativas são processos interativos que tem variadas atribuições tais como facilitar a tomada de decisões e solucionar problemas. Assim, o conceito de metodologias ativas se define como um “processo interativo de conhecimento, análise, estudos, pesquisas e decisões individuais ou coletivas, com a finalidade de encontrar soluções para um problema.” (BASTOS, 2006, p.10). Elas devem atuar como facilitadoras, para que o estudante elabore pesquisas, reflexões e possa tomar decisões por si, sobre o que fazer para alcançar seus objetivos (cf. FREIRE, 1981).

A metodologia da Sala de Aula Invertida

A metodologia da sala de aula invertida consiste em uma prática metodológica de facilitação do aprendizado por meio da participação do aluno no seu processo de construção.

A sala de aula invertida é uma “estratégia de aprendizagem combinada”, ou seja, é o que se conhece na ciência pedagógica como uma espécie de “aprendizado ativo” onde se aprende por meio da “instrução de pares”, de casos, exemplos práticos ou problemas ou ainda, qualquer “estratégia de aprendizado combinado que exija que os alunos preparem a aprendizagem antes de se encontrarem” e interajam com os colegas que aprenderão (*THE UNIVERSITY OF QUEENSLAND*, 2018).

Este estudo de caso examina como o uso do modelo de sala de aula invertida oferece oportunidades para conceber e ministrar cursos utilizando estratégias ativas de aprendizagem e envolvimento para facilitar trabalho em equipe dos alunos, resolução de problemas e habilidades de pensamento crítico em um ambiente colegial.

O conhecimento é fornecido após um processo de raciocínio e de formulação da estratégia própria de conceito a ser ensinado, não existe apenas uma transferência de informações.

A sala de aula invertida faz parte do rol de metodologias ativas. Para José Morán, as metodologias ativas podem percorrer dois caminhos uns mais suaves com progressivas mudanças, e outro mais amplo com profundas mudanças a depender dos objetivos almejados em relação ao ensino.

Nessa estratégia, “existe uma enorme gama de diferentes abordagens combinadas; o equilíbrio entre os componentes on-line e presenciais e a integração de outros métodos” irá depender dos objetivos dos alunos, das prioridades de aprendizagem e do “contexto em que a aprendizagem é implementada” (*THE UNIVERSITY OF QUEENSLAND*, 2018).

No modelo disciplinar, precisamos “dar menos aulas” e colocar o conteúdo fundamental na WEB, elaborar alguns roteiros de aula em que os alunos leiam antes os materiais básicos e realizem atividades mais ricas em sala de aula com a supervisão dos professores. Misturando vídeos e materiais nos ambientes virtuais com atividades de aprofundamento nos espaços físicos (salas) ampliamos o conceito de sala de aula: Invertemos a lógica tradicional de que o professor ensine antes na aula e o aluno tente aplicar depois em casa o que aprendeu em aula, para que, primeiro, o aluno caminhe sozinho (vídeos, leituras, atividades) e depois em sala de aula desenvolva os conhecimentos que ainda precisa no contato com colegas e com a orientação do professor ou professores mais experientes. É importante que os projetos estejam ligados à vida dos alunos, às suas motivações profundas, que o professor saiba gerenciar essas atividades, envolvendo-os, negociando com eles as melhores formas de realizar o projeto, valorizando cada etapa e principalmente a apresentação e a publicação em um lugar virtual visível do ambiente virtual para além do grupo e da classe. [...] É o que se chama de aula invertida. A combinação de aprendizagem por desafios, problemas reais, jogos, com a aula invertida é muito importante para que os alunos aprendam fazendo, aprendam juntos e aprendam, [...] também, no seu próprio ritmo (MORÁN, 2015).

Quanto à organização de sala de aula, em escolas como as Summit Schools, acima citadas, se equilibram atividades individuais e as de grupo, que são supervisionadas por dois facilitadores de áreas diferentes, condutores de abordagens integradoras, sem rigidez disciplinar. Esses professores são facilitadores cuja função é acompanhar o progresso de cada aluno, e estes realizam provas apenas quando se sentirem preparados.

O ambiente das salas de aula invertidas é voltado ao aluno, e tem por característica principal o fato de serem mais multifuncionais, para comportar tanto as atividades individuais quanto em grupo, bem como atividades com auxílio de recursos tecnológicos.

Esse formato sala de aula invertida acima descrito proporciona uma preparação do leitor, que com antecedência irá estudar, reunir dados mais importantes e com isso, desenvolver seu “raciocínio sobre início, ou contextualização de assuntos”, o conteúdo “a ser ministrado ou exercitado e a finalização do conteúdo ou conclusão da tarefa”, construindo sua própria aprendizagem (*THE UNIVERSITY OF QUEENSLAND*, 2018).

Representação Teatral como Metodologia de Aprendizagem

A linguagem oral é importante para um trabalho de forma sistemática com leituras de livros filmes peças de teatro varal de poesias antologias Moraes debate simulações paródias e rodas de leitura (OLIVEIRA, 2017).

A linguagem possui um caráter dialógico interacional entendida pela construção de significados apenas após uma interação ou um contato os locutores. O processo de produção de sentidos depende tanto do leitor quanto do escritor. Diversos textos apresentam lacunas onde àquele que lê subentender a tais espaços disponíveis com as suas concepções, de forma que, não basta saber reconhecer sílabas para compreender, mas é necessário uma série de estratégias que ajudam o leitor a evidenciar o que está subjacente ao texto” (MARTINS NETO, 2015 p. 24).

Segundo Bathkin, a linguagem é polifônica e intersubjetiva, Além disso, discurso individual é impregnado por vozes e fontes adquiridas ou experienciadas no processo de aprendizagem desse discurso (*apud* MARTINS NETO, 2015, p. 33).

Na concepção de Harvey e Gouvdis (2007) e Martins Neto (2015), as estratégias de compreensão leitora devem ser sistematizadas e ensinadas. Elas são um conjunto de procedimentos aos quais se recorrem para chegar ao entendimento sobre aquilo que está impresso em algum material.

A educação tem um papel que se apoia em colunas de sustentação objetivas e pré-determinados, um papel formador.

A arte é subjetiva, não tendo uma dependência ou necessidade daquilo que é racional. Por meio da arte, o conhecimento pode ser fixado de forma leve e lúdica, auto incentivada.

Um dos grandes desafios de escolaridade direcionada a adultos e ao processo andragógico é a permanência destes. Isso ocorre devido à fragmentação imprimida ao conhecimento pelas práticas de ensino que não se faz associar à realidade do aluno aprendiz.

O teatro, e o exercício de representação propicia a integração do aluno no meio social e no contexto estudantil em que ele se insere. Essa possibilidade traz benefícios à autoestima, pois o aluno aprendiz entra em contato com a noção de valor e de capacidade.

Em seu trabalho sobre educação de jovens e adultos, a adoção da prática é relatada como um sucesso. Um dos alunos que responderam a pesquisa de Antônio Pereira Martins, com o título “O teatro como possibilidade metodológica de ensino e aprendizagem para a educação de jovens e adultos – EJA”, afirma que aprendeu a “voltar a ser feliz, a ser menino...”, outra entrevistada afirmou que embora o tempo da aula seja pequeno, lhe chama à atenção a diferença das aulas de arte, porque “tudo é bem livre, mesmo que com responsabilidade. É muito gostoso”. Segundo outra entrevistada, o tempo é muito curto, pois “através do teatro é que despertamos, animamos com outros conteúdos”. “O coordenador da escola avaliou que essas aulas foram importantes para elevar o nível da escola, na medida em que ela socializa e abre uma porta de aprendizado de várias outras coisas” (MARTINS, 2013, pp. 18-19).

O teatro é uma arte que mescla palavra, som, luz, ação e dramaticidade, poesia além de possibilitar a leitura de textos de conteúdos e características variadas.

Estimula à criatividade e a desenvoltura, senso crítico e a espontaneidade.

O teatro é uma metodologia adequada para expor a capacidade do adulto, de ser criativo, que poderia muitas vezes estar latente, mas sem uso, sendo ignorada ou desconsiderada pelo aluno.

Especificamente quanto aos textos com viés científico, no momento no qual o estudante irá “decorar” o roteiro, ele necessita ter um estudo do texto e um embasamento teórico, associando a sua própria realidade com o conteúdo que ele irá interpretar, e consequentemente aprender através da leitura dos dados que estão inseridos no roteiro.

Esse exercício de “passagem do texto” terá como resultando esperado o aprendizado desses dados científicos quase que inconscientemente e por meio de sua apresentação, ele irá transmitir o conhecimento que adquiriu, seja através da sua expressão corporal e entonação de voz, ou seja, sua encenação.

A metodologia de aprendizagem estará concluída no momento em que o estudante apreendeu o conhecimento contido no texto que ele deverá interpretar, assim como a metodologia de ensino estará concluída ao ser interpretada e posteriormente replicada pelo

estudante-ator, assim por meio desses exercícios, a metodologia de ensino-aprendizagem se realiza.

São relatadas na literatura científica experiências de representação para o ensino da física. As peças de grandes autores também podem ser estudadas por meio da ciência literária, que possui com categorias e classificações próprias, por exemplo, as escolas literárias, tiveram reconhecimento enquanto ciência, a partir do período barroco, e continuou a progredir e se popularizar com o passar dos séculos.

O auge dos estilos literários e conseqüentemente das escolas literárias tiveram um maior destaque nos períodos entre o romantismo e o simbolismo, duas escolas literárias com fortes e reconhecidos autores. O romantismo e o simbolismo aconteceram em épocas com pouca diferenciação de tempo, o romantismo defende em sua maioria as causas sociais como é notável em obras de autores como José de Alencar, que abordava as questões indígenas, históricas e regionais. O simbolismo se assemelha a escola literária romântica por criticar o neocolonialismo que se iniciou de forma contemporânea a essa escola literária.

Compreende-se que por meio da leitura e da escrita, é possível ampliar os espaços de cidadania e participação popular nos rumos estatais e de destinação das políticas públicas.

Além disso, ler e “decorar” textos facilita a memorização de dados fundamentais. Ajuda a sedimentar a capacidade de raciocínio crítico e de transmissão de conhecimento por meio da fala e expressão corporal.

A partir do texto original e de suas ideias principais, com base no que o estudante leu e absorveu dos dados apresentados, ele será capaz de produzir outros escritos e formular suas opiniões, comparações e análises, de forma semelhante ao que acontece, por exemplo, num fichamento crítico de conteúdo científico.

O exercício e o tempo e os esforços para essa memorização são capazes de promover uma maior concentração, o comprometimento com tarefas e a busca por excelência a fim de realizar um bom trabalho de representação e de exposição perante o grupo ou mais pessoas.

Gêneros textuais como ferramentas de ensino

O ensino por meio dos gêneros textuais é uma ferramenta que possibilita a compreensão por parte dos discentes e uma mediação inovadora no ensino da língua portuguesa.

Os gêneros textuais são compreendidos como elementos norteadores mais ou menos estáveis que formam tipos textuais (GUIMARÃES, 2007). .

Compreende-se como gênero o texto narrativo, o conto, o relato, o roteiro de cinema, a crônica, o folheto informativo, o poema, a carta aberta, a crítica, a notícia, a entrevista, o texto argumentativo, o texto dissertativo- argumentativo entre outros gêneros. .

O gênero textual é classificado em gêneros primários e secundários. Os gêneros primários são aqueles simples dotados de oralidade e se produzem nas situações normais do dia a dia da comunicação. Os gêneros secundários são mais precisos e têm formas discursivas e ações discursivas determinadas como, por exemplo, a produção de atas de reuniões, requerimentos, ofícios etc.

A utilização do gênero como ferramenta permite uma construção a partir de linguagem simples de onde se parte para a elaboração de estruturas literárias mais complexas.

O ensino por meio dos gêneros segundo Guimarães (2007), é um processo que se desenvolve gradativamente. A autora descreve que ao ensinar os diferentes gêneros, na medida de seu aprendizado, eles vão sendo retomados. Assim, uma narrativa introduzida por meio do conto de fadas pode ser concluída no conto moderno, um texto argumentativo que pode ser introduzido com textos de opinião pode ser concluído com uma carta argumentativa ou diferentes estratégias argumentativas. .

A leitura tornou-se tema de discussão e um espaço para propostas e pesquisas que visassem teorias, métodos e políticas que refletissem uma prática de leitura, na sociedade e na escola brasileira, eficaz e consciente. Inicia-se, conseqüentemente, um processo de escolarização dos gêneros textuais: '[...] o gênero que é utilizado como meio de articulação entre as práticas sociais e os objetos escolares – mais particularmente, no domínio do ensino da produção de textos orais e escritos. ' [...]

A condição de leitor direciona, em larga medida, no ensino da Literatura, o papel dos mediadores para o funcionamento de estratégias de apoio à leitura da Literatura, uma vez que o professor opera escolhas de narrativas, poesias, textos para teatro, entre outros de diferentes linguagens que dialogam com o texto literário. Essas escolhas ligam-se não só às preferências pessoais, mas a exigências curriculares dos projetos pedagógicos da escola [...].

As sugestões metodológicas que perpassam suas páginas se inspiram no sociointeracionismo, na teoria enunciativa e na linguística textual, cujos enfoques teóricos dirigem o ensino da língua e da linguagem para seu uso e funcionamento discursivos, enquanto sistema semiótico e simbólico, contextualizado e determinado sócio-historicamente (GUIMARÃES, 2007).

Dessa forma, a autora sustenta que há uma democratização do texto, com um desvio do foco de interesses do que é literário e do que é científico, e nesse exercício todos podem praticar os gêneros literários e evoluir com essa prática.

Para Segate (2010), o ensino por meio dos gêneros ajuda a desenvolver a linguagem dos alunos e funciona como “objeto instrumento de trabalho para professores”. Segundo a autora é importante alcançar estratégias ou sequências didáticas no ensino da utilização do gênero textual.

Dolz (2004) afirma que os gêneros constituem-se formas de funcionamento da língua e da linguagem são criados em atendimento as diferentes necessidades sociais e conforme ambiente social em que o indivíduo circula. Segate (2010) afirma que os gêneros são peças fundamentais no ensino da própria língua portuguesa. Apresentam infinitas possibilidades e construções na comunicação humana.

É possível assim trazer o interesse dos leitores - escritores a compreensão dos gêneros literários e num momento posterior, ou seja, após o aprendizado e prática dessas técnicas, tornar a leitura científica, mas facilitada e acessível.

Com o exercício contínuo das práticas de leitura e de escrita de gêneros textuais, a avaliação dos textos pode se tornar mais objetiva e justa agregando paulatinamente critérios não puramente literários.

Segundo Costa os gêneros permitem ao aprendiz uma reconstrução da linguagem “mediados por estratégias de ensino intervencionistas formalizadas” em novas situações concretas de comunicação, mais complexas, que poderão levar os alunos a adquirir uma “autonomia progressiva nessas atividades comunicativas complexas” (COSTA, 2000, p. 72 e ss.). Passamos ao estudo dos recursos tecnológicos, auxiliares ao processo andragógico, a seguir.

Novas Tecnologias no Processo Ensino Aprendizagem

As recentes tecnologias da informação dão novos ares às diretrizes andragógicas, especialmente ao vislumbrarmos que a sociedade com a qual nos defrontamos transformou-se com o advento da tecnologia, que passou a incorporar nossas rotinas, seja no trabalho, estudos ou vida social. De modo que se tornaram quase (alguns diriam totalmente) imprescindíveis.

O modelo de educação também incorpora essas novas tecnologias. Que não é restrito a um conteúdo exposto exclusivamente pelo professor, o ensino contemporâneo, inclusive o andragógico, foi reestruturado com o intuito de se manter em sincronia com a sociedade da que faz parte, ou seja, se adequar a era do *ciber* espaço e seus fiéis seguidores.

As ferramentas tecnológicas - sejam *smartphones*, *notebooks*, entres outros - já estão inseridas em nosso dia-a-dia, independente de classe social ou faixa etária, o que propicia aos profissionais da educação e a escola que busquem se aperfeiçoar ou se renovar, diante deste novo estímulo, para não dizer desafio, visto que muitas são as mudanças advindas de tais tecnologias (MACHADO e MACHADO, 2004).

A escola, o professor e, sim, o aluno, especialmente sendo um adulto, devem se integrar a este novo ensino, que se distancia cada vez mais do tradicional, onde o ensino-aprendizagem é efetivamente compartilhado por e com todos.

Neste novo cenário, os papéis tradicionais do professor, aluno e escola precisam ser mais bem compreendidos e investigados para fazer frente às mudanças que se impõem. A educação a distância via Internet redefine substancialmente o papel do professor que agora assume posição diferenciada daquela conhecida historicamente (MACHADO e MACHADO, 2004).

Os impactos das novas tecnologias no ensino são especialmente observados no ambiente da *internet*, local de acesso a variadas e diversas informações, sem limites de espaço, tempo ou geografia. O que oportuniza aos setores de educação construir ambientes únicos de aprendizagem virtual através do *World Wide Web* (“www” – que permite interpretação como “rede de alcance mundial”), o que nos conduz a difusão da *ciber* cultura. *Ciber* espaço

A *ciber* cultura na educação, tanto quanto as mídias interativas, têm trazido modificações no relacionamento professor-aluno, posto que o uso das mesmas dependerá da atuação dos professores frente a essas interfaces tecnológicas.

A busca por ressignificação de ideias e novas práticas de ensino-aprendizagem, fazendo uso das novas plataformas que lhes são disponibilizadas, é uma vertente a ser trabalhada pelo professor no contexto atual. Não apenas pra si, mas, para que possa seguir preparando seus alunos, os tornando capazes de também compartilhar e usufruir dessas novas metodologias e ferramentas, os instruindo a prosseguir na busca da informação, do conhecimento, a divergir, interpretar e conceber suas próprias ideias, diante do turbilhão “internético” a que são lançados cotidianamente.

É necessário agregar o uso das novas tecnologias ao âmbito escolar, uma vez que a inserção desses recursos contribuirá para que o acesso à informação e ao ensino-aprendizagem melhorem substancialmente. Assim, é possível que haja sua integração

curricular, onde objetivos e finalidades estarão devidamente traçados, para que a tecnologia na escola não seja um mero instrumento, mas sim uma nova metodologia em prática.

O aluno é instigado pela escola, a qual se utiliza de desafios e questionamentos pertinentes, a esquadrihar por informações, a pesquisar, proporcionando assim seu desenvolvimento intelectual e ampliando sua percepção quanto ao seu meio para que ali, ele possa atuar como um agente de transformações.

Esse novo processo de ensino, tendo a tecnologia como principal ferramenta, para a andragogia é uma possibilidade de fomentar o aprendizado, seja através do compartilhamento de conteúdos, da permutação de ideias e pesquisas, ou na busca por atividades que ajudarão a fixar ou testar o conteúdo visto.

Assim, a inclusão dessas novas tecnologias influi de forma significativa para a construção do saber do aluno, tendo em vista que as junções entre o conhecimento e tecnologia o norteiam a compreender os problemas da atualidade, a criar novos projetos para mudar o cotidiano e ajudar a construir a cidadania.

Essas novas ferramentas tecnológicas não apenas possa como devem trazer modificação às aulas, tornando-as mais desenvoltas, tendo o professor como um orientador, um guia ao processo de aprendizagem, impulsionando o aluno nessa nova dinâmica, como o sujeito do saber que é.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) abrange muitos alunos que tiveram seus estudos formais interrompidos, ou não iniciados, na época condizente, e, em geral, são oriundos de classes mais carentes, os quais muitas vezes tem um contato precário (ou nenhum) com os meios tecnológicos, o que finda por dificultar-lhes não apenas as relações sociais, educacionais, mas também profissionais.

A tecnologia, como “conjunto de conhecimentos e princípios científicos que se aplicam ao planejamento, à construção e a utilização de um equipamento em um determinado tipo de atividade.” Favorece o ensino para jovens e adultos, auxiliando a integração, a permanência e motivação dos mesmos.

E, é justamente aí, onde vemos o papel da escola, do professor, a importância destes para dirimir tais limitações ao aluno do EJA, valorizando, e possibilitando sua inclusão, seja pedagógica ou tecnológica.

Outro exemplo, na andragogia, é o da Educação a Distância (EAD), que atende formas distintas o processo de aprendizado, e se vê favorecido com o contínuo avanço tecnológico,

permitindo-lhe assim expandir suas plataformas de ensino *online*. Neste processo de ensino-aprendizagem, no entanto, há maior cautela, pois, o aluno é o próprio incentivador da aprendizagem, definindo horários, cronogramas agendas e organização de estudo.

Assim, acredita-se numa educação onde todos os envolvidos são agentes da educação, planejado de modo que a interação seja bidirecional, onde a comunicação se dará mutuamente.

Mesmo assim, na EAD, há a devida preparação, tanto quanto acompanhamento, não apenas dos alunos, mas também dos professores, bem como dos coordenadores, dos monitores/tutores, para garantir que o curso, mesmo sendo em plataforma digital (*online*), não perca a qualidade e clareza necessárias ao devido processo educacional em todo seu segmento. Para isso, “as atividades, tarefas e exercícios propostos devem ser cuidadosamente corrigidos o mais rápido possível” e “ao avaliar o ensino-aprendizagem” os envolvidos devem cotejar “o grau de satisfação do aluno com o curso através de métodos estatísticos, fichas de avaliação e de observação” (LITWIN, 2001).

Por isso, é preciso que uma equipe devidamente capacitada, na andragogia, bem como nas novas tecnologias de informação e comunicação voltadas para a educação, realize a preparação dos profissionais envolvidos.

Adentremos no conceito de educação, dentro de um arquétipo de modernidade ou mesmo pós-modernidade, onde se pressupõe uma educação que condiga com essa era digital, ou seja, a educação contextualizando com a hodierna tecnologia de seu tempo em prol de um ensino qualitativo.

As ferramentas da tecnologia, assim como a *internet*, transcenderam lugares em sua expansão. Por isso, notamos certa facilidade dos alunos ao aprender o manuseio de seus equipamentos tecnológicos, seja por meio da escola ou pelo uso em sua rotina, o que faz indispensável para a educação que seus principais agentes (professor, escola) tenham uma qualificação para inserir essas novas tecnologias no processo ensino-aprendizagem.

O principal intuito para a inclusão tecnológica na educação é para reacender o interesse do aluno, trazendo um ensino mais dinâmico, mais versátil, que se encaixe no atual cotidiano, onde tempo e disponibilidade estão cada vez mais escassos.

Outro contexto que deve ser analisado nessa interação entre tecnologia e educação são os níveis de relação do indivíduo com essas novas tecnologias, assim, podem indicá-los como: i. Nativos digitais – são os que têm habilidades para ouvir música (ou *podcasts*), usar o

notebook, teclar no *smartphone*, assistir TV, e tudo isso simultaneamente; ii. Imigrantes digitais – são os que nasceram antes dessa era digital, mas têm se adequadado, buscando aprender e fazer uso dessas tecnologias, mas, claro, há também algumas exceções, que resistem e, mesmo tendo acesso, não aceitam tais novidades; iii. Analfabetos digitais - são os que não têm qualquer contato tecnológico, excluídos desse novo conceito digital.

As novas tecnologias estão cada vez mais arraigadas em nossa sociedade, se tornando um instrumento imprescindível em quaisquer áreas, sejam de cunho pessoal ou profissional, impondo ao indivíduo, se este não desejar ficar isolado, o aprendizado e convivência com os mecanismos tecnológicos. Por isso, mais uma vez, é primordial o papel da escola, em razão de que em muitos casos, para alunos de classes baixas, é naquela que terão a oportunidade de ter suas desigualdades sociais/materiais reduzidas, possivelmente a única fonte para que tenham acesso a estes recursos digitais.

Temos no livro de Pierre Lévy, *Inteligencia colectiva por una antropología del ciberespacio*, de 2004, uma reflexão sobre a influência da tecnologia perante a sociedade, onde destaca a capacidade dos novos meios de comunicação, os quais permitem que os grupos humanos possam compartilhar suas ideias.

Dois importantes conceitos são empregados por Lévy: o primeiro sobre a inteligência coletiva e o segundo sobre o *ciber* espaço. Vejamos:

1º Inteligência coletiva – trata-se de um conceito sobre um tipo de inteligência que é compartilhada, ou seja, advinda da colaboração não de um, mas de muitos indivíduos dentro de próprias suas diversidades. Conceito este, muito em voga, especialmente se analisarmos o crescente número de vídeos em redes sociais, trazendo um novo prisma sobre esses compartilhamentos de projetos, ideias, conteúdo;

2º *Ciber* espaço. - enfatiza que é mais do que um meio de comunicação ou mídia, ou seja, se constitui em um lugar de “encontro”, de comunicação social, de organização e permuta de informação e conhecimento, usando como meio vastas tecnologias e interfaces midiáticas, tais como jornais, revistas, rádio, cinema, televisão e várias outras áreas de compartilhamento que permitem interação simultânea ou não-simultânea, como *chats*, fóruns de discussão, blogs.

Assim, o *ciber* espaço. É o lugar onde habita a inteligência coletiva. Ela, por sua vez, é formada através da interação entre pessoas que, como sujeitos individuais, promovem a troca de ideias por meio de comunidades virtuais, incluindo a promoção de relações mais

amplas entre os participantes. O resultado dessas trocas é uma transferência e ao mesmo tempo, uma construção de ideias que, finalmente, criam um conceito diferente: a *ciber cultura*, que surge como um movimento social e cultural.

Para Lévy, a cibercultura é o “conjunto de técnicas materiais e intelectuais, de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores, que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”.

A *ciber cultura* é capaz de construir uma nova relação com o saber e conhecimento, ou seja, apresenta novas formas e possibilidades de desenvolvimento. Novas formas também de aprender, ensinar, que são diferentes dos campos comuns da realidade. Precisamente neste espaço em que a interação ocorre, surgem novas implicações, e mudanças também ocorrem nos conceitos de arte, na promoção e organização dos espaços e territórios, e nas fronteiras entre o individual e o coletivo.

Como resultado, no mundo real, temos perguntas sobre a educação e a educação da pessoa: como a educação é fornecida? O que é ensinado? O que é aprendido? Como se avalia isso? Quem dirige? Quem ensina e quem aprende? São perguntas sobre esse espaço virtual que não podem ser ignoradas, ou relevadas porque já fazem parte da realidade.

Assim, entendemos o *ciber* espaço com um fato concreto da simultaneidade. Mostrando-nos que é possível não só aprender, como também ensinar, ou seja, a interação entre os usuários desse espaço passa a não ser somente para adquirir ou transmitir conhecimento, mas, principalmente, para compartilhar em uma ação recíproca. E é essa ação que leva a repensar os modelos atuais de educação, os quais, como já arguido, precisam passar por uma reestruturação para melhor atender os alunos da sala de aula, fazendo uso dos recursos virtuais/tecnológicos como aliados para o ensino-aprendizagem.

Ressaltando, mais uma vez, que o uso de tais recursos tecnológicos na rotina de sala de aula agora também faz parte do cotidiano de trabalho, bem como da formação do estudante à medida que agregou valores materiais nas relações pedagógicas e exigiu reelaboração de valores éticos para estas mesmas relações.

Desafios e atividades podem ser dosados, planejados e acompanhados e avaliados com apoio de tecnologias. Os desafios bem planejados contribuem para mobilizar as competências desejadas, intelectuais, emocionais, pessoais e comunicacionais. Exige pesquisar, avaliar situações, pontos de vista diferentes, fazer escolhas, assumir alguns riscos, aprender pela descoberta, caminhar do simples para o complexo. Nas etapas de formação, os alunos precisam de acompanhamento de profissionais mais experientes para ajudá-los a tornar conscientes alguns processos, a estabelecer

conexões não percebidas, a superar etapas mais rapidamente, a confrontá-los com novas possibilidades (MORÁN, 2015, p. 15).

Como auxílio ao planejamento, citam-se instrumentos como as avaliações de resultados. A Portaria Normativa n. 10, de 24 de abril de 2007, do Ministério da Educação instituiu a Avaliação de Alfabetização, também chamada de “Provinha Brasil”, a qual é “estruturada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP, de acordo com as disposições ali estabelecidas nessa Portaria”.

O INEP orienta os professores sobre a aplicação da Provinha Brasil, que é um teste com a finalidade de verificar o nível de alfabetização das crianças da rede pública na faixa etária de 6 a 8 anos. Todos os dados obtidos pelo INEP não serão enviados ao Ministério da Educação. Através dos programas Provinha Brasil e Brasil Alfabetizado, vemos a contribuição que esses programas fornecem para que haja uma melhoria do ensino médio e, conseqüentemente, do ensino superior, pois proporciona o ingresso de alunos mais bem preparados.

Outro fator importante foi a criação da Lei nº 11.274, que entrou em vigor em 2006, tornando obrigatória a matrícula escolar de crianças a partir dos seis anos de idade, e aumentando para 9 anos a duração do ensino fundamental.

A coleta de dados e o planejamento educacional para todos os públicos estudantis impulsiona a melhoria da aprendizagem e fomenta a incorporação de novas tecnologias para a democratização do conhecimento. Isso interessa à sociedade de modo geral, ainda mais por ser um processo contínuo e permanente, de modo que, devemos estar em constante aprimoramento para acompanhar tais evoluções.

Os profissionais que lidam com a andragogia, devem se ater quanto a essa nova realidade, se posicionando de forma ativa nas mudanças provenientes das novas tecnologias de informação e comunicação.

A busca por melhorias, agora, é uma realidade contínua, já que os recursos apresentados estão sempre sendo atualizados, da mesma forma terá que ser com os profissionais que lidam com tais recursos, se aperfeiçoando sempre, desenvolvendo projetos que enriqueçam o ensino-aprendizagem, elucidando novos mecanismos tecnológicos que lhe serão potencializadores nas práticas de ensino.

Com essas distintas possibilidades de incorporação das novas tecnologias associadas às metodologias do processo andragógico, são possíveis os seguintes objetivos e finalidades:

I - Captura de conteúdo para que fiquem disponíveis aos alunos, de acordo com sua conveniência;

II - Adequar o ritmo de aprendizagem com permissão de acesso de material de aula, videoaulas, leituras *online*, mídias interativas, *podcasts*, entre outros materiais.

Outras ferramentas também podem ser mescladas no processo andragógico, tais como:

1- Realidade aumentada: através deste recurso é possível explorar outros adicionais presentes no material didático, outrossim, também auxilia o professor a manter o interesse e participação do aluno;

2- *Microlearning*: é a fragmentação do conteúdo, de modo que sua assimilação pelo aluno seja mais fácil. Esta ferramenta é própria para o formato digital, tanto para a explanação do conteúdo, quanto para sua revisão, mesmo durante o percurso da aula, por meio de jogos, vídeos, animações e outros;

3- Comunicação por vídeo: é notório que cada vez mais estamos sempre conectados, seja fazendo um *post* (publicação em rede social), ou uma *live* (transmissão de vídeo em rede social), ou até mesmo em serviços de *streaming* (Netflix). No âmbito da educação, essas tendências têm sido acompanhadas e bastante utilizadas, como em serviços de *hangouts* (debates, conferências, conteúdos e transmissões ao vivo), pautas em mesas-redondas digitais, videoaulas, videochamadas e outras ferramentas que tornam possível a sincronia e compartilhamento de conteúdo entre pessoas de locais diferentes;

4 – Celular na sala de aula: eis uma ferramenta de grande polêmica, no entanto, pedagogicamente pode ser uma extremamente útil, se, claro, houver senso em seu uso na escola, tanto pelos alunos, quanto pelos professores, já que o *smartphone* é um equipamento de fácil acesso, onde aplicativos de fim educacionais são um grande benefício, por exemplo, livros digitais (*ebooks*, *pdfs*), realidade aumentada, atividades *online*, tira-teimas, jogos correlacionados ao conteúdo de aula, e muitos outros recursos, e tudo isso, literalmente, à mão.

Destarte, a escola, poderá se beneficiar dos muitos recursos de tecnologia disponíveis, bem como, professores e alunos, já que estes suplementam as eventuais deficiências do método expositivo e presencial.

Esses materiais digitais podem ressaltar conteúdos estudados, permitem fácil revisão, assim como resolução de questões, além de que, o acesso em diferentes formatos amplia o alcance desse conteúdo, instigando alunos, inclusive aqueles que por determinada peculiaridade, não se sentiam devidamente inseridos no ambiente escolar, e com tais recursos, de repente, se vêm aprendendo, e, melhor, desfrutando disso, possivelmente, crescendo e criando seus próprios projetos.

O uso de *softwares*, aplicativos e ferramentas tecnológicas não só podem, como devem ser utilizados como aliados para refrear os números alarmantes de evasão escolar. Posto que a evolução do ensinar e do aprender seja uma constante, então novas formas de fazê-los precisam ser encontradas, aperfeiçoadas e, tal como os recursos tecnológicos, atualizadas, digamos que um *upgrade* (melhoria) do sistema educacional.

Transmitir informações oportunas, atualizações e lembretes para os alunos, por exemplo, *micro-blogging*, ferramentas de anúncios; Fornecer *feedback* imediato e anônimo para professores e alunos, por exemplo, questionários, enquetes, para sinalizar pontos de revisão e, por fim, capturar dados sobre os alunos para analisar seu progresso e identificar possíveis alunos “em risco”, por exemplo, através de análises.

Vale ressaltar que, mesmo tendo todos esses recursos tecnológicos disponíveis, as interações reais (não virtuais) são imprescindíveis, bem como o ato de ler, escrever e se relacionar fora das redes digitais. Os recursos de multimídia (*smartphones, notebooks, tablets*) são meras ferramentas, ou seja, auxiliares no processo ensino-aprendizagem. Não esquecendo que ainda se deve proporcionar interação dentro e fora da aula, por meio de atividades coletivas, por exemplo, que demandem a criação de conteúdo, com utilização de ferramentas multimídias.

Outro exemplo é a interação em grupos de discussões na rede mundial de computadores por meio de ferramentas de discussão.

Todos esses mecanismos tecnológicos nos remetem a diversas possibilidades, todas voltadas ao aperfeiçoamento do ensino-aprendizagem, desde que sejam feitas as devidas adequações nas metodologias usadas em sala de aula. O agente do saber, vulgo professor, é o principal mecanismo para a construção do conhecimento, instruindo seu aluno para que este se desenvolva e alce novos caminhos, perspectivas e seja também um colaborador na sociedade em que vivemos, mas para isso, este agente deve continuamente tornar-se melhor, atualizar-se, ampliando também suas visões de mundo e de abordagem aos que lhe rodeiam.

Já vimos que a tecnologia é uma importante ferramenta para o processo de aprendizagem. Que não solverá os problemas que já assolam o âmbito educacional, mas que, certamente, trará relevantes mudanças aos métodos de ensino-aprendizagem, especialmente por inserir o aluno como parte ativa de sua própria educação, já não mais como mero ouvinte, mas sim, como alguém que argumenta pesquisa, elucida e traz mudanças ao seu meio.

As inovações tecnológicas são impreteríveis na atual conjuntura, ainda assim, não devem ser vistas como única possibilidade, mas como um meio de amplo alcance, que pode viabilizar que alunos de diferentes locais, idades e sapiência, tenham as mesmas oportunidades, se destacando e compartilhando essas mudanças em nossa sociedade.

Considerações Finais

O ingresso dos alunos ao curso de nível superior é repleto de expectativa, tanto do acadêmico quanto do professor. Os acadêmicos trazem um conhecimento antes da sua chegada à faculdade, por este motivo as práticas e as metodologias são importantes para o processo ensino-aprendizagem.

O professor deve atender as necessidades dos seus acadêmicos e utilizar as técnicas mais adequadas para o processo de aprendizagem, valorizando todo o conhecimento adquirido pelos acadêmicos.

Os métodos de aprendizagem evoluem, trazendo o avanço no conhecimento conforme a necessidade social, com esta evolução a sociedade, cada vez mais vai exigindo um tipo de letrado diferente.

Essa reflexão leva a pensar na metodologia utilizada, com os objetivos a serem alcançados por meio do olhar diferenciado a cada acadêmico, além do domínio da leitura e da escrita é importante ensiná-los a pensar e refletir no que se escreve e no que se lê a partir de suas vivências.

Incentivar todas as potencialidades de cada acadêmico para facilitar o processo de aprendizagem, faz com que os professores ampliem seus conhecimentos sobre as diversas metodologias que correspondam a cada acadêmico.

Ante o envelhecimento populacional mundial, novas formas de ensino da população adulta devem ser pensadas no Brasil, para que essas pessoas tenham possibilidades de continuidade de estudos. Adultos enfrentam maiores obstáculos para usufruto da educação.

Para que esse cenário se modifique é urgente à adoção de metodologias de ensino voltadas para esse público, especialmente as ativas, com estímulo às pessoas por todas as etapas de sua vida, de acordo com as diretrizes nacionais e internacionais.

É preciso o engajamento dos facilitadores da aprendizagem andragógica, pois apesar de todos os avanços em torno das concepções de educação surgidas com o desenvolvimento das ciências humanas, há uma crescente demanda reprimida por oferecimento e participação do público interessado nessa aprendizagem.

Referências

BORGES, Tiago Silva e ALENCAR, Gidélia. Metodologias ativas na promoção da formação crítica do estudante: o uso das metodologias ativas como recurso didático na formação crítica do estudante do ensino superior. **Cairu em Revista**. Jul/Ago 2014, Ano 03, n° 04, pp. 119-143.

COSTA, Edilson Gomes. **Andragogia**: ressignificando a educação de adultos. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/formacao_acao/2semestre2016/fa_de_ja_anexo2.pdf>. Acesso em: 14.09.2018.

DOLZ, J. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita – elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e Org. de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 31-49.
FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.

GUIMARÃES, Luciana Guedes. **Tinha uma leitura no meio do caminho: formação do aluno leitor**. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

HARVEY, S.; GOUDVIS, A. Strategies that work.teaching comprehension for understanding and engagement. Portland: Stenhouse Publishers, 2007.

INAF - **Indicador de Alfabetismo Funcional**. 2011. Disponível em: <<http://www.ipm.org.br/inaf>>. Acesso em 01.10.2018.

INSTITUTO SINGULARIDADES, 2018. **O Estadão**. Disponível em: <<https://educacao.estadao.com.br/blogs/instituto-singularidades/metodologias-ativas/>>. Acesso em 10.12.2018.

LÉVY, Pierre. **Inteligencia colectiva por una antropologia del ciberespazo**. Washington: BIREME/OPS/OMS, 2004.

MACHADO, Liliana Dias; MACHADO, Elian de Castro. O papel da tutoria em ambientes de EAD. **Anais ABED**. 2004. Disponível em:

<<http://www.abed.org.br/congresso2004/por/htm/022-tc-a2.htm>>. Acesso em 25.22.2018.

MARTINS NETO, Irando Alves. **Estratégias de leitura: relações entre as concepções do material linguagens, códigos e suas tecnologias: Língua Portuguesa e a prática docente**. Dissertação de mestrado. Presidente Prudente – SP: UNESP, 2015.

MÁRQUEZ, A. *Andragogía: propuesta política para una cultura democrática en educación superior*. In: *Encuentro Nacional de Educación y Pensamiento*. República Dominicana, 1998. Anais. Disponível em: <http://ofdp_rd.tripod.com/conferencia/amarquez.html>. Acesso em 13.11.2018.

MARTINS, Antônio Pereira. **O teatro como possibilidade metodológica de ensino e aprendizagem para a educação de jovens e adultos - EJA**. Brasília, 2013. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/5446/1/2013_Antonio%20Pereira%20Martins.pdf>. Acesso em 01.10.2018.

MORÁN, José. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. **USP**. 2018. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/metodologias_moran1.pdf>. Acesso em 01.10.2018.

MORAN, J. M. **Tablets e netbooks na educação**. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias_eduacacao/tablets.pdf>. Acesso em: 30.10.2018.

OLIVEIRA, Rosane Machado de. Dificuldade no desenvolvimento da leitura e da escrita nos anos iniciais do ensino fundamental. **Revista científica multidisciplinar núcleo do conhecimento**. Ano 2 Volume 15 página 163 -188. Fev 2017.

SEGATI, Aline. **Gêneros textuais no ensino de Língua Portuguesa**. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/download/37333/40053/>>. Acesso em 01.10.2018.

SOUZA, Danielle do Carmo Monteiro Correia de, *et al.* S.d. **Práticas sociais de leitura e escrita e suas implicações no processo de ensino e aprendizagem**. 2018. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada7/_GT4%20PDF/PR%C1TICAS%20SOCIAIS%20DE%20LEITURA%20E%20ESCRITA%20E%20SUAS%20IMPLICA%C7%D5ES%20NO.pdf>. Acesso em 09.08.2018.